

**OS MARCADORES DISCURSIVOS NO LATIM: CONSIDERAÇÕES
PRAGMÁTICAS E TEXTUAIS NA ARS MAIOR DE DONATO E NAS
INSTITUTIONES GRAMMATICAE DE PRISCIANO**

Fábio da Silva FORTES¹

ABSTRACT: Discourse Markers (DMs) can be defined as a wide range of verbal mechanisms playing pragmatic and textual roles within the text. They are represented by non-prototypical uses of conjunctions, prepositions and interjections. Their properties are detected in Latin analogous discourse samples by Kroon (1995, 1998), who detached a group of words which seemed to carry out the DMs functions: *nam*, *enim*, *igitur*, *ergo*, *autem*, *vero* and *at*. We aim at looking for the counterpart of such studies, analyzing the way as the pragmatic and textual functions of these words are taken into account along Donatus's and Priscian's grammar treatises.

Introdução

A nossa proposta de investigação consiste em promover uma aproximação entre a tradição gramatical latina e os estudos textuais e discursivos da lingüística contemporânea. O escopo de nossa pesquisa é a investigação do tratamento dado pela teoria gramatical antiga às estruturas discursivas atualmente conhecidas como *marcadores discursivos* (MDs). Interessa-nos observar em que medida consistiam uma preocupação teórica da gramática antiga os estudos que estão situados atualmente no âmbito da *pragmática*, ainda que hoje esses estudos sejam movidos por diferentes propósitos ou que recebam diferentes nomes, quando não, nomes iguais, “mas para falar, certamente, de coisas diferentes” (Pereira, 2001: 154). Como consequência disso, pretendemos, ainda, fazer uma revisão bibliográfica dos textos teóricos atuais mais significativos sobre o tema, no intuito de relacionar as evidências já encontradas por pesquisadores em várias línguas faladas atualmente à discussão eventualmente levantada por Donato, em sua *Ars maior*, em especial nas seções intituladas *De coniunctione*, *De praepositione* e *De interiectione*, e em Prisciano, nos livros XIV, XV e XVI de suas *Institutiones grammaticae*.

Considerações teóricas preliminares

Marcadores discursivos é o nome dado tradicionalmente a um conjunto bem amplo de elementos diversificados (palavras, locuções, sintagmas, pequenas cláusulas etc.), identificados nas línguas naturais, que, em linhas gerais, realizam duas funções

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação Lingüística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista da Fapesp, processo 06/53374-1. E-mail: fabiosfortes@yahoo.com.br.

específicas no plano do texto: focalizam a enunciação e operam na construção textual (cf. Risso *et al.*, 1996).

Essas duas funções apontam para o estatuto pragmático dessa categoria, que articula propriedades textuais-discursivas detectadas em diversas línguas, mas cuja natureza ainda está longe de ser consenso entre os lingüistas atuais, possivelmente por abarcar uma ampla gama de recursos discursivos de diferentes realizações lingüísticas.

Deborah Schiffrin (1996) define *marcadores* como “elementos seqüencialmente dependentes que agrupam unidades conversacionais” (1996: 31).² Segundo a lingüista, essas estruturas podem ser tanto catafóricas quanto anafóricas, e não apenas têm usos não-referenciais nas proposições em que ocorrem, como também auxiliam na coesão textual.

Os *marcadores discursivos* parecem não compor uma única classe de palavras. Na maioria das vezes, eles são oriundos de várias classes, como os advérbios, interjeições, conjunções, ou então se expressam na forma de estruturas lingüísticas cristalizadas, pequenas cláusulas, entre outros. Citando Stubbs (1983: 78), Schiffrin ressalta, por exemplo, que as conjunções, embora tradicionalmente sejam consideradas uma classe de palavras com funções morfossintáticas bem conhecidas, são *marcadores discursivos* em potencial, pois não somente relacionam as unidades sintáticas, mas as contextualizam no texto ou no discurso. Nenhuma dessas características pode ser tomada isoladamente e de forma absoluta, pois é o predomínio mais ou menos homogêneo desse conjunto de fatores que parece definir esses mecanismos verbais que, por sua natureza, inscrevem a enunciação no discurso, superpondo funções de caráter pragmático (avaliação, julgamento, maior ou menor comprometimento do locutor etc.), e atuam na organização coesiva das partes do texto. Em outras palavras, não se trata de uma classe fechada de itens que operam no plano textual-discursivo, mas, como afirma Risso *et al.* (1996), de uma “classe gradiente”.

As propriedades acima destacadas podem, *mutatis mutandis*, ser encontradas em ocorrências discursivas análogas em variadas línguas, inclusive no latim. Investigando essas estruturas em um *corpus* latino, Kroon (1995, 1998) destacou um grupo de partículas discursivas que pareciam apresentar as propriedades dos *MDs*: *nam, enim, igitur, ergo, autem, vero* e *at*. Como a estudiosa destaca, essas estruturas foram categorizadas pela gramática escolar tradicional como “conjunções coordenativas”, explicitando, respectivamente, as relações semânticas de causa (*nam, enim* – “porque”), consequência/conclusão (*igitur, ergo* – “portanto”) e adversidade (*autem, vero, at* – “mas”) nas cláusulas paratáticas por elas conectadas. Entretanto, essa descrição básica não recobriria todas as ocorrências das partículas em pauta e, em alguns usos bem específicos, não somente aquelas relações semânticas não se manteriam, como as estruturas correspondentes pareciam ter um papel diferente daquele realizado por uma

² Como Schiffrin observa, quanto ao conceito de “unidade conversacional” (*unit of talk*), podem-se retomar várias teorias, como a dos “atos de fala” de Austin (1965) e Searle (1969), ou o conceito de “idea unit” de Chafe (1994). Ao que parece, por caracterizarem estruturas do discurso, não é apropriado definir “unidades conversacionais” em função de unidades sintáticas, por não se operar, sempre, o discurso no nível sentencial. As citações de autores estrangeiros, salvas indicações nas referências bibliográficas, foram traduzidas por nós

conjunção típica, como nos exemplos que a pesquisadora destaca, dos quais reproduzimos:

- (1) Charinus está pensando em se exilar
Eu: Cur istuc coeptas consilium?
Ch: Quia enim me adfflicat amor
Eu: Por que motivo premeditas aquele projeto?
Ch: Porque (*quia*) o amor me faz sofrer. (Plauto. *Mer.* 648)
- (2) Mercúrio, de um lado, interrompendo o solilóquio de Sósia:
Certe enim hic nescioquis loquitur
Certamente (*certe*) alguém está falando aqui (Plauto *Am.* 331)

Como observamos nos exemplos (1) e (2), o vocábulo *enim* parece não realizar a função conjuntiva causal. Em (1) esse fato se evidencia com o uso simultâneo de *quia*. No exemplo (2), o vocábulo *enim* não relaciona duas cláusulas paratáticas e, sobretudo, a relação causal presumida não pode ser detectada em nenhuma leitura. Para resolver questões que se impunham à classificação da estrutura em ocorrências não prototípicas como essa, Kroon (1995, 1998) optou por abordar esses itens do ponto de vista do discurso, elencando-os ao lado do conjunto mais ou menos uniforme das partículas discursivas descritas nas línguas modernas. Para a estudiosa, nas duas ocorrências, o vocábulo *enim* opera no plano textual-discursivo: no primeiro caso, ressaltando a figura do locutor, expresso em primeira pessoa, que diz sofrer de amor; no segundo, promovendo ênfase ao que será dito em seguida.

O trabalho de Kroon (1995, 1998) identificou, portanto, em latim, a presença de vocábulos que compunham a “classe pragmática gradiente” dos *MDs*. A estudiosa parece não atentar especificamente para a necessidade de verificar como, eventualmente, essas mesmas estruturas foram catalogadas pelos estudiosos da Antigüidade. Em decorrência disso, o objetivo central de nossa pesquisa não é implementar a mesma investigação da autora, mas buscar, na gramática antiga, a contraparte desse estudo, identificando e analisando a forma como a questão foi abordada pela metalinguagem que se desenvolveu ainda no seio da romanidade, especificamente no conjunto de textos gramaticais que tomamos como ponto de partida, escritos, no século IV, por Donato e, no século VI, por Prisciano.

Incursões na metalinguagem antiga

Nas palavras de Law (1993: 12), “o estudo da gramática entre os romanos exemplifica o esforço e continuidade da influência grega”. O fato de Suetônio situar o início dos estudos gramaticais em Roma após o acidente que forçou o filósofo Crates de Malos, em 168 a.C., a permanecer na *urbs*, falando de Homero e dos poetas gregos, aponta para a ascendência do pensamento filosófico grego sobre as reflexões latinas. Os conceitos básicos de “palavra” (*uox*; φωνή) e “partes do discurso” (*partes orationis*; μέροι λόγου), presentes na organização das gramáticas latinas, foram pioneiramente postuladas em trabalhos de origem estóica, e ampliados, no século II a.C., por Dionísio Trácio, na conhecida *Tékhe grammatiké* [τέχνη γραμματική].

A escolha apriorística, conquanto não absolutamente definitiva, da *Ars maior* de Donato (em *De praepositione*, *De coniunctione* e *De interiectione*) justifica-se principalmente pelo fato de este ser, como afirma Law (1993: 14), “o mais conhecido de todos os gramáticos romanos durante o início da Idade Média”, e de seus trabalhos representarem uma compilação das preocupações “lingüísticas” mais importantes até o século IV d.C. De acordo com a estudiosa, ainda que seus textos apresentem poucas inovações em relação aos tratados gramaticais em circulação na época, foram eles, ao lado de Prisciano (em *Institutio de nomine*) e Isidoro (em *Etymologiae* ou *Originum libri*), que estavam na base da tradição de estudos da linguagem inaugurada na Antigüidade e em grande parte remanescente nas especulações lingüísticas da atualidade. O texto de Donato possui, como afirma Baratin (1994: 143), “a reputação de ser o modelo mais bem acabado desse tipo de tratado”. Além disso, o século IV d.C. representa, como afirma Law (1993: 13), uma época conclusiva para o trabalho de adaptação da terminologia e classificações da gramática grega. Presumimos que, por estar especialmente organizada em Donato, a concepção estóica de *partes orationis* possa ser terreno igualmente fértil para deprendermos as questões discursivas que investigamos.

No entanto, a discussão lingüística em Donato é fortemente pedagógica e voltada para falantes nativos, do que resulta uma apresentação sumária das estruturas da língua latina, sem maiores explicações, mesmo em sua *Ars maior*. Esse fato determinou que incluíssemos em nosso projeto os livros XIV, XV e XVI das *Institutiones grammaticae* de Prisciano, que desenvolve, com farta exemplificação, as questões pertinentes à *praepositio*, *coniunctio* e *interiectio* latinas, em cujo interior presumimos localizar uma discussão *pragmática*, nos termos que alinhamos anteriormente, levando em conta, principalmente, as funções discursivas das partículas que Kroon (1995) catalogou como *marcadores discursivos*.

Assim, em uma leitura ainda superficial dos textos latinos, destacamos, em Donato, por exemplo, passagens como esta, sobre as *interiectiones*:

Accentus in interiectionibus certi esse non possunt, ut fere in aliis vocibus quas inconditas invenimus.

(Os acentos, nas interjeições, não podem ser determinados como, de ordinário, nas outras palavras; nelas os encontramos desordenados). (Donato *apud* GLK, IV: 391).³

De forma ainda bem preliminar, e bastante generalizada, esse fragmento permite-nos afirmar que a *interiectio* donatiana guarda semelhanças fonéticas com os *MDS*, considerados, anteriormente, “formas de pouca extensão e massa fônica reduzida” (Risso *et al.*, 1996: 57). Essa mesma característica é ressaltada por Prisciano, em referência a Donato, no livro XV, o qual ainda acrescenta, como atributo dessas

³ Optamos por trabalhar com a edição dos *Grammatici Latini* (GLK), compilada por Heinrich Keil (1961). Nosso intuito, dada a limitação de tempo, não é traduzir integralmente as obras selecionadas, mas estudar seu texto latino, identificando as partes que interessam à questão que investigamos, procedendo *a posteriori* a uma tradução destas para serem incluídas na dissertação.

palavras, sua vinculação com um elemento extratextual, ou “pragmático”, se preferirmos, expressa no sintagma em destaque:

Optime tamen de accentibus earum docuit Donatus, quod non sunt certi, quippe, cum abscondita voce, id est non plane expressa, proferantur et pro affectus commoti qualitate, confunduntur in eis accentus.

(Todavia, muito bem ensinou Donato sobre os acentos delas, que não são determinados, porque, com a voz confusa, isto é, não claramente expressa, são proferidas e confundidas nesses acentos, **por conta da natureza de certa disposição anímica.**) (Prisciano *apud* GLK, II: 91; grifos nossos)

Ambas as citações põem em relevo, principalmente, a realização fonética da *interiectio*. Em Prisciano, além disso, menciona-se a vinculação dessas palavras com elementos extratextuais. Ainda que esses exemplos não nos permitam fazer asserções mais gerais sobre a relação entre as interjeições (como são consideradas por Donato e Prisciano) e uma possível consideração de suas implicações pragmático-textuais (que se espera de um *marcador discursivo*), ressaltamos que uma análise mais aprofundada dos textos gramaticais, em se considerando não somente as *interiectiones*, mas igualmente as *coniunctiones* e as *praepositiones*, levando em conta também outros aspectos dessas categorias (como suas funções e sua morfologia) e os exemplos indicados por Prisciano, possibilitará fazermos uma descrição minuciosa dessas *partes orationes*, assim como identificarmos suas funções pragmáticas e textuais eventualmente descritas pelos gramáticos latinos.

Ao se eleger uma questão a ser investigada em determinada língua antiga, torna-se premente recorrermos à forma como esta foi vista ainda pelos seus teóricos nativos, imersos na cultura em que esse sistema encontrava seu uso e expressão. Como afirma Lyons (1979), de Platão e dos sofistas gregos aos escolásticos medievais, “houve muitos gramáticos capazes e de pensamento original” (1979: 3). Isso quer dizer que, revisitando o pensamento desses teóricos, entre os quais destacamos Donato e Prisciano – ainda que nos limitando a recortes de seus textos gramaticais –, pretendemos fazer jus ao próprio estatuto da lingüística, que, enquanto ciência, “constrói sobre o passado, não somente desafiando e refutando doutrinas tradicionais, mas também desenvolvendo-as e reformulando-as” (Lyons, 1979: 3). Disso decorre nossa preocupação de não propormos *a priori* uma descrição das propriedades textuais e pragmáticas das partículas latinas de nosso interesse, como foi realizada, com grande mérito, por Kroon (1995, 1998). Como mostramos, propomos a instância preliminar desse estudo, *i.e.* a investigação de como essa questão tem comparecido na metalinguagem antiga.

Em suma, a natureza do estudo que propomos conforma as vertentes básicas, infra-explicitadas: 1) devolve à língua latina os “direitos” que são garantidos às línguas modernas, por conceber a língua de Roma como meio de expressão humana e não um saber cristalizado de eruditos (cf. Lima, 1995: 118); portanto, dotada de toda a complexidade fonológica, morfossintática, semântica e pragmática conferida às línguas do presente, ainda que estudada exclusivamente a partir de sua modalidade escrita; 2) propicia, ao se desvendarem elementos propriamente “lingüísticos”, um conhecimento da cultura a que pertencem os textos que legitimam a realização concreta, comunicativamente situada da língua; pois, quanto a isso, ressaltamos que a língua

mantém uma vinculação nítida com os contextos sociais, cognitivos e culturais em que ela ocorre; 3) propicia, ainda, uma reflexão mais aprofundada sobre a tradição metalingüística latina, destacando-lhe aspectos pouco ressaltados pela tradição de estudos clássicos e produzindo um conhecimento, ainda não muito vasto entre nós, sobre as línguas antigas.

Referências Bibliográficas:

- DONATO. (1961 [1865]) *Ars maior*. In: KEIL, H. (ed.) *Grammatici Latini*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim.
- KROON, C. (1998) "A framework for the description of Latin discourse markers." *Journal of Pragmatics* 30, pp. 205-233.
- _____. (1995) *Discourse particles in Latin: a study of nam, enim, autem, vero and at*. Amsterdam: Gieben.
- LAW, V. (1983) *The insular Latin grammarians*. Woodbridge: Boydell & Brewer.
- _____. (1993) *History of linguistic thought in the early Middle Ages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LIMA, A. D. (1995) *Uma estranha língua? Questões de linguagem e de método*. São Paulo: UNESP.
- LYONS, J. (1979) *Introdução à lingüística teórica*. [Trad. Rosa V. M. Silva e Hélio Pimentel]. São Paulo: Nacional.
- PEREIRA, M. A. (2001) "Natureza e lugar dos discursos gramatical e retórico em Cícero e Quintiliano". *Phaos – Revista de Estudos Clássicos*, n. 1, pp. 143-157.
- PRISCIANO. (1961 [1865]) *Institutionum grammaticarum libri XIV, XV & XVI*. In: KEIL, Heinrich (ed.). *Grammatici Latini*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung Hildesheim.
- RISSO, M. S. *et alii*. (1996) "Marcadores Discursivos: traços definidores". In: KOCH, I. (org.). *A gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP/FAPESP. Vol. VI.
- SCHIFFRIN, D. (1996) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.